O PASSE, FRACASSOS E MEDIDA DOS SUCESSOS

Considerações sobre o texto de Colette Soler

Sonia Campos Magalhães

Dividindo a exposição de Soler em duas partes - uma para trabalhar o tema do passe na vertente do fracasso e a outra dedicada a medir o alcance do sucesso desse dispositivo lacaniano, ela coloca logo no início o que denomina *"um problema no horizonte "*.

Perguntei-me a respeito dessa forma de Soler iniciar o seu trabalho, situando esse " *problema no horizonte*", ela vai trazer a sua posição a respeito do passe de entrada. Explico-me melhor com Soler quando ela diz: *"Há, no horizonte, o problema de saber qual é, ou quais são, as causas do maltusianismo relativo às nomeações e, também, quais serão os efeitos que daí advêm."*

Ao considerar o passe de entrada um desses efeitos, ela vai situá-lo como uma das formas de lidar com o número expressivo de respostas negativas surgidas, sobretudo, no momento inicial em que se acionou o dispositivo lacaniano. Afirma que *"o passe de entrada é um recurso para administrar a negativa da nomeação de AE"*.

Ao iniciar assim a sua fala, Soler imprime um tom à sua exposição no Seminário Espaço-Escola e é neste tom que ela vai tentar mostrar até que ponto, por uma manobra política (política - aí colocada no seu sentido banal e não no sentido da política da psicanálise) o passe tornou-se um dispositivo outro que não o dispositivo proposto por Lacan.

Para Soler, será do passe submetido a manobras políticas que virá o vocabulário da crise que culminou na Cisão de 98.

1 O fracasso em questão

Fala-se, afirma Soler, de fracasso em relação ao passe como se isto fosse de tal forma evidente que não merecesse nenhum questionamento. Ela discorda e se dispõe a colocar o fracasso em questão situando três perguntas:

* de onde vem esta formulação de fracasso?
* em nome de quê?
* frente a que obstáculo, de fato, o passe se deparou ?

Ela vai lembrar que em 1967 duas formas de oposição à *Proposição* e ao passe podem ser observadas na EFP:

1°- a dos didatas, oposição que ocasionará a retirada de alguns analistas como Piera Aulagnier, Perrier e outros, fazendo surgir o chamado Quarto Grupo;

2°- a vinculada ao movimento de maio de 68 com a sua ideologia antimestre, igualitária.

Duas objeções, portanto:

- o ceticismo e a incompreensão dos notáveis e
- a reivindicação igualitária dos "democratas"

Em textos de Lacan dessa época podemos vê-lo dirigir-se não aos notáveis mas aos democratas, aos mesmos que Soler vai chamar de *oposição pseudo-democrática.* Ela mostra que Lacan vai buscar uma renovação quando percebe que começava a existir um corpo de AE ao qual se rendia homenagem. Ele delimitará, então, a dois anos o período de AE e criará o AME para dar conta das funções de direção de modo a ser aceito pelo corpo social.

No que diz respeito a Jacques Alain Miller, Soler observa que este vai denegrir tanto os notáveis quanto os "democratas" e observa, também, que a questão da apropriação do patrimônio de Lacan por Miller começa a se evidenciar desde então. Aponta que no texto "*Todos lacanianos*", Miller já aposta nessa "herança simbólica".

O passe de Lacan e o passe da ECF não são os mesmos, enfatiza Soler e, ao fazer essa observação, ela vai situar as diferenças:

* O júri de acolhimento previsto por Lacan é substituído pelo Cartel do Passe. (É preciso notar que foram criados dois e não um cartel do passe. O que se propiciava com dois cartéis, era a oposição, e também, a emulação e a competição).

* Inaugura-se o ensino obrigatório - jornadas dos AE, noitadas dos AE- e isso vai suscitar queixas, por parte deles, de não serem ouvidos.

* um novo slogan aparece: o empuxo ao testemunho público e à repetição.

A promoção estatutariamente prevista dos AE é considerada por Soler o ponto de maior distanciamento do passe de Lacan do passe da ECF. Ser AE, a partir daí, não é apenas ter feito reconhecer "*sua capacidade de tomar responsabilidade tanto em relação à crítica quanto ao desenvolvimento da formação*"(uma definição de Lacan), ser AE, a partir dessa promoção estatutária, é uma promessa de promoção na hierarquia.

Surge uma indagação: *Quem fracassou*? Soler vai situar algumas questões do ponto de vista epistêmico. Afirma que desde que se deu início ao dispositivo do passe, esperou-se muito dos testemunhos. Esperava-se que estes viessem esclarecer o final de análise. É preciso notar, segundo Soler, que se pode encontrar em textos de Lacan uma distinção bastante precisa entre o momento de virada no qual a experiência verifica-se como acabada e o momento no qual a análise chega a seu término. Para ela, essa distinção foi totalmente esquecida ("*squeezée*"). Não se sabe detectar este momento, seja porque os analisantes ficam obnubilados pela saída, seja porque a *doxa* leva ao entusiasmo, criando obstáculos à autenticidade, fazendo com que os passantes não se mostrem em dificuldades. O fato é que não se sabe detectar este momento.

Ela vai acrescentar, em nota de rodapé, que na concepção de "passe perfeito" que Miller havia introduzido, estes dois momentos deveriam coincidir.

Trazendo a questão para o plano institucional, Soler considera que a crise sobre o passe foi política. Ela foi detonada em 1990 com a publicação do volume *As raízes da experiência*. Nessa publicação, o grupo constituído por aqueles que haviam trabalhado no passe durante os seis primeiros anos, havia tocado no intocável: publicar sem se referir a Miller e isso era transgredir a regra tácita e tocar o ponto sensível do controle das publicações. Para Soler a publicação de *As raízes da experiência* foi um ato político ainda que nem todos os autores disso estivessem advertidos. No entanto, é o que ela afirma, essa publicação contrariava a vontade hegemônica que já visava ao monopólio da transferência.

A crise foi, portanto, provocada para reforçar o controle político sobre o dispositivo do passe e sobre as publicações. Soler vai afirmar, então, que fracasso, se existe, é o da associação-escola que se mostrou incapaz de abrigar o passe concebido por Lacan, passe que, evidentemente, não tem como bússola, a política do UM – unário e uniano. A ECF fracassou, lembra

Soler, porque a sua maioria escolheu o "*conforto da multidão freudiana ao passe lacaniano que demanda, seleciona sujeitos de uma outra tablatura*".

2 O sucesso

Para Soler o passe deve ser tentado, de novo, em um outro contexto.

Para medir o alcance de sucesso do passe, ela levanta uma questão: "*Se o passe pode ser considerado um fracasso, já que não foi possível acontecer por ter se deparado com um poder totalizante que fazia obstáculo a seu êxito, como falar de sucesso do passe?*

Ela vai responder afirmando que o passe pode ser considerado um êxito em dois aspectos:

1° - mesmo como fracasso, o passe desempenhou um papel que possibilitou desmascarar a vontade hegemônica;

2° - pode-se falar em êxito do passe e este êxito está, sobretudo, em sustentar e, até mesmo, em causar o desejo de pensar a psicanálise. Com o passe não se tem deixado de pensar a psicanálise, não se tem cessado de repensá-la.

Para Soler a presença da psicanálise na civilização, a própria existência da psicanálise, exige que ela não se restrinja à clínica. É preciso sustentar o desejo de pensar a psicanálise.

Em relação a este "pensar a psicanálise", Soler vai nos levar à questão do Ato Psicanalítico. Lembra que o analista não pensa no seu ato enquanto opera. Esta tese de que o analista não pensa, diz Soler, surpreende e surpreende, sobretudo, o analista iniciante. Ela afirma que isto pode ser constatado nas supervisões, quando o supervisando se questiona sobre o que faz, sobre o que deve fazer, não fazer, etc. Pode-se notar, também, que isto vai se detendo, podendo levar ao risco do que Lacan chamou a "suficiência". O analista pode se assentar sobre a convicção de que é inútil elaborar ali onde a eficácia do sujeito-suposto-saber parece bastar. O posicionamento de Soler a respeito do ensino, a sua posição quando afirma ser preciso não só manter como encorajar o ensino, parte dessa constatação. Para ela, resvalar para a posição de "suficiência" vai na direção do pior para a psicanálise.

Nesse ponto de sua exposição, ela vai dizer algo que, me parece, deve ser discutido: ela afirma que o dispositivo do passe, em todos os casos, vai dar o empurrão para pensar, vai impelir o analisante.

Para Soler existem três tipos de analisante:

- há o analisante no dispositivo freudiano, na análise, o analisando

que elabora seu inconsciente graças ao analista em função de causa

- há o passante, analisante de sua experiência, que se incumbe de pensá-la e disto restituir algo a seus passadores; e

- há o analista, notadamente o AE, que deve pensar a psicanálise, o que é outra coisa que falar de si mesmo.

Em relação a esses três tipos de analisantes, Soler vai perguntar *: onde está aquilo que os causa?* Em relação ao primeiro tipo, ela afirma: é o analista. Para o segundo, o passante, ela responde com uma pergunta: "*como não ver que é o Outro, aquele que no dispositivo, pode, não se diria garantir nem caucionar mas, confirmar sua palavra?"* Quanto ao terceiro – o analisante-analista - Soler pergunta: *o que é que o causa a pensar a psicanálise ?* Vai lembrar que Lacan evocava, para si mesmo, o olhar de Freud.

Ela vai advertir, então, que a função do líder se presta a confusões com a função da causa analítica. Vai, também, observar que na psicanálise não se pode eliminar a função, a questão que é a modalidade da causa no campo epistêmico, então a necessidade de se manter o questionamento ativo. É nesse ponto, afirma, que o passe tem êxito no que funciona como princípio de inquietude.

Conduzindo a sua exposição para a questão do final de análise, ela pergunta: *como se verifica o ponto de finitude de uma análise? Qual é a prova deste final?*

Soler vai lembrar que Lacan sugeriu um tipo de prova em analogia com a prova pelo rir, pelo chiste - com sua terceira pessoa, que força o auditor a rir.

Ela faz uma observação: os *mots d'ésprit* são pouco transculturais, contrariamente ao cômico, que é mais universal, porque mais imaginário. Mas, de que prova se trata no chiste? Prova da cisão do sujeito pelo significante, cisão que o ultrapassa tanto quanto o inconsciente. Trata-se, no passe, de dar prova via efeito de convicção produzido sobre o cartel, por uma palavra de testemunho que, como toda palavra, veicula uma enunciação que não se pode formular em termos de saber, pois aquele que ri não é capaz de produzir a doutrina do seu rir.

Para Soler, se o sujeito dispusesse, na saída, do saber matematizado de seu objeto, de sua fórmula, ou de seu nome de sintoma, o dispositivo seria supérfluo, bastaria o escrito.

No que diz respeito ao Cartel do Passe, ela supõe que esses cartéis estão animados por uma demanda de surpresa. A espera de surpresa no dispositivo é uma demanda feita ao passante, uma demanda de que ele saiba, e que faça saber, o que os membros do Cartel não sabem. É a essa

esperança decepcionada que é preciso imputar a raridade de nomeações.

Soler afirma que a posição de expectativas dos Cartéis do Passe é denegada e que melhor seria se se parasse de fingir que não há *a priori*, (pois eles existem), e que se buscasse explicitá-los a fim de que eles se dialetizem.

Creio que teríamos outro ponto para o debate- a respeito da existência dos *a priori,* tal como Soler coloca neste ponto de sua exposição

Questões situadas nos testemunhos dos passantes.

Soler vai lembrar que podemos encontrar na *Proposição* um exemplo, explícito. Trata-se do que foi, para cada um, o momento de virada, momento dito do passe, "*um exemplo do momento de passe que coloca um término à recorrência infernal da cadeia (cadeia da fala, cadeia dos ditos, cadeia dos significantes) e abre a sequência final da análise e permite a passagem ao ato analítico.*"

Essa questão permanece e é tão insistente quanto a da instalação na prática. O início da prática distancia-se do momento de emergência das condições do ato analítico. Soler aponta situações nas quais profissões que impõem receber pacientes – como a psiquiatria e a psicologia – podem dar margem a uma instalação profissional em que a questão da passagem a analista venha a ser recoberta e, às vezes, dispensada. Para Soler, essa questão da instalação na prática vem mostrar o quanto são necessárias as provas de capacidade – entendida aí enquanto capacidade analítica.

Ela vai trazer, ainda, três questões colocadas aos testemunhos dos passantes:

1. Como se deu a separação do passante de sua análise?
2. O que aprendeu de sua análise? Quais foram as suas conclusões?
3. Que relação causal articula os dois primeiros pontos?

Em relação à primeira questão, Soler nos diz que ela é colocada incidindo sobre o como, ou sobre as modalidades e, também, sobre a causa Será preciso diferenciar a separação da análise da separação em relação ao analista. Ela observa que o momento do passe propriamente dito é um momento epistêmico. A saída é o momento no qual a libido analisante é esgotada; é um fenômeno libidinal e não epistêmico.

Isolar condições desta queda - aí estaria a questão, afirma Soler.

Em relação à segunda indagação, Soler vai ressaltar o termo conclusão advertindo que, ainda que este termo tenha todo um valor para a psicanálise, a ênfase colocada sobre ele produziu um efeito francamente superegóico. Ela destaca um texto de Christian Demoulin, como referência para o estudo dessa questão Para Soler, o ato de concluir não é a mesma coisa que produzir a fórmula da conclusão. Vai afirmar, também, que a demanda de conclusão

pode ser endereçada pelos analisantes a seus analistas e o espantoso é saber que alguns analistas não se recusam a atender essa demanda.

O imperativo, não de conclusão, mas de fornecer uma conclusão - o que não é a mesma coisa - abala a certeza de que poderia advir da experiência própria. É assim que pode acontecer, adverte Soler, que analisantes, ainda que tenham chegado ao término de seus percursos, possam acreditar que não o tenham feito, supondo haver uma norma de conclusão.

No *L'Étourdit*, lembra Soler, Lacan vai dizer que a análise deixa o sujeito "assegurado de saber" as três dimensões do impossível – porque o impossível está no plural, como as negatividades. A questão estaria em saber como o impossível (que em lógica se demonstra), verifica-se, atesta-se na análise.

No que diz respeito à terceira questão - *que relação causal articula as duas primeiras*- ela coloca as seguintes indagações: O perceber epistêmico tem efeitos libidinais? Sob que condições é um *"operçu"* como dizia Lacan?

Recorrendo a Lacan na *Proposição de 1967* e no *L'Étourdit*, Soler vai lembrar que se pode constatar que há um desnível no tempo que permite que se faça uma distinção entre o momento do passe e o fim da análise propriamente dito.

1 Trabalho apresentado em *"Debate sobre o passe"* , no Forum do Campo Lacaniano na Bahia, em 07 de junho de 2000, sobre ***"La passe, échecs et empan des succès*** - exposição de Colette Soler no Seminário Espaço-Escola – *Pour une École* – em12 de janeiro de 2000, em Paris.